
ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba: Appris, 2012. 280 p.

Flávio Leonel Abreu da Silveira
Universidade Federal do Pará – Brasil

É em boa hora que Cornelia Eckert lança em português uma parcela importante de sua tese de doutorado, defendida em Paris nos idos de 1992. Salvo engano meu, à exceção de *Memória e identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*, lançado em 1993, a autora ainda não publicara outra parte substancial de seu trabalho em nossa língua.

Obviamente que as reflexões gestadas por Cornelia na tese emergem como elementos importantes na sua significativa produção acerca do tema da memória e as interfaces com o trabalho e o imaginário no mundo urbano porto-alegrense – o que se reflete na sua atuação junto ao Navisual e ao Biev no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, este último uma parceria profícua com a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha. No entanto, felizmente, Cornelia decidiu publicar na forma de livro a sua etnografia em terras francesas.

Penso que a edição deste excerto – obviamente, retrabalhado para assumir as feições de um livro – de sua volumosa tese de doutorado é importante para a comunidade antropológica brasileira pelos seguintes motivos: 1) pelo fato de tratar-se de etnografia produzida por uma antropóloga com sólida formação e cujo trabalho acadêmico tem reconhecida importância para a antropologia produzida em nosso país; 2) por agregar-se ao trabalho de outros autores, mas, também, por suprir uma lacuna nos estudos relativos às relações entre memória e trabalho e, nesse sentido, deverá contribuir para o incremento da discussão sobre tais temas; 3) por auxiliar a compreensão do fenômeno na França – é preciso destacar o pioneirismo da autora que à época realizou pesquisa etnográfica fora do contexto nacional, pois estamos falando de década de 1980 –, fato que somente agora parece tornar-se uma prática corrente entre

os antropólogos brasileiros; 4) e, finalmente, por aliar uma densa etnografia enquanto texto e por imagens à instigante reflexão teórico-conceitual.

O livro intitulado *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)* revela-se uma obra bem escrita e de leitura aprazível aliada a reflexões teórico-conceituais relevantes para o entendimento da memória junto a uma comunidade de trabalho, o que lhe confere as qualidades necessárias para tornar-se uma obra de referência para as pesquisas sobre o tema da memória e do trabalho no contexto brasileiro, contribuindo para o avanço nas discussões relativas a tais temas.

Por outro lado, no meu ponto de vista, trata-se de um texto oportuno para aqueles que ministram disciplinas acadêmicas, onde as discussões acerca do método etnográfico são importantes para a formação dos estudantes de graduação e pós-graduação, contribuindo com questões passíveis de serem discutidas em sala de aula no que tange à constituição de novas gerações de antropólogos, pois o texto cumpre um papel fundamental no que se refere às discussões teórico-metodológicas relacionadas ao ofício do etnógrafo, especialmente aquele que se depara com as questões da memória.

Nota-se que a autora, mediante uma longa pesquisa de campo, busca compreender os processos pelos quais os mineiros de carvão da localidade francesa de La Grand-Combe experienciam e significam a perda de seu mundo de referência, estando o mesmo ligado ao trabalho nas minas. Os complexos processos desenvolvimentistas, ancorados na busca de novas fontes energéticas deslocariam os interesses do país – novos impulsos diante do petróleo e da energia nuclear, por exemplo – tornando a extração do carvão uma prática econômica obsoleta frente às novas exigências industriais e de mercado.

Ora, uma redefinição desse nível na ordem dos fatos, como estavam colocados à época, redireciona o “mundo da mina”, deslocando o personagem central dessa paisagem altamente transformada pelas ações humanas – o mineiro de carvão – para uma posição secundária. Tal obsolescência, se não planejada, pelo menos orquestrada por novas ordens do capitalismo, instauraria a desordem daquele mundo do trabalho, vivido e praticado por pessoas de diferentes origens nacionais e étnico-culturais (franceses, espanhóis, portugueses, poloneses, africanos) que ali construíram uma comunidade de trabalho.

O paulatino processo de desindustrialização lança os mineiros e suas famílias num “tempo de crise”, prenúncio do arruinamento como corolário da melancolia, quando passam a reinar os sentimentos de perda e de ruptura

de um mundo, onde, outrora, as coisas pareciam estar em seus respectivos lugares.

A vila operária com suas casas-jardins aliada às políticas de seguridade social gerou pelo menos dois grandes problemas: o primeiro, ligado ao excessivo controle social e a uma tendência à homogeneização das relações sociais e das condições de vida dos mineiros, colocava os modelos da Companhia de Minas como o paradigma a ser seguido por todos, portanto, não havia como escapar do mundo da mina como projeto trabalhista e seus valores de família patriarcal; segundo, a política impetrada pela companhia não impedia a exclusão dos não europeus – ainda que existisse a preferência da empresa por determinados grupos entre os de origem europeia –, jogando-os à periferia da cidade, especialmente os africanos, que abandonaram seus países para auxiliarem na construção da economia mineira em terras francesas.

Tais situações cooperaram para a formação de uma unidade identitária pautada na árdua labuta nas minas, pois a comunidade de trabalho, para além da oposição entre católicos e protestantes, ou mesmo entre aqueles de tendências políticas conservadoras ou de esquerda, organizava-se produzindo táticas e formas de resistência ao jugo da companhia sobre o “país mineiro”. Seja porque o movimento sindicalista ganhava força, ou devido ao fato de que diante da heterogeneidade cultural existente no contexto grand-combiano, os mineiros encontraram no domínio da língua *occitan* a possibilidade de construir tal devir identitário frente às imposições da empresa que escapava ao seu controle.

O tempo da crise, ao tensionar dramaticamente, lembranças e esquecimentos, diante do colapso de uma época – com suas formas próprias de viver e sentir, suas expressões de pertencimento a uma dada comunidade – e o aruinamento das paisagens enquanto dimensão material do mundo praticado fazem com que as famílias que permaneceram no local tenham que lutar constantemente contra o luto, persistindo, assim, como herdeiras da memória do grupo e do lugar de pertença. Trata-se de um esforço por durar no tempo, de lutar contra o perecimento das imagens acerca do mundo da mina ante a perda de referenciais e às transformações em seu cotidiano.

Portanto, a experiência paternalista vivenciada pelas pessoas durante longa data, referida ao “tempo da Companhia”, período em que a empresa definia os rumos da comunidade de trabalho, é evocada pelas famílias residentes no local, detentoras de um “tempo coletivo” evocador de imagens do passado, as quais contrastam com aquelas do presente desolador aos olhos de quem o

vive e o compara aos tempos idos. Os aposentados da mina percebem o esvaziamento da cidade – os jovens em debandada desaparecem da cidade em busca de novos rumos, de projetos possíveis noutras paragens – e buscam, a partir de formas de sociabilidade que os retira do isolamento doméstico, reagir ao excesso de tempo que pode sufocá-los pela lembrança de um tempo no qual a cidade estava plena de vida, distante de certo ar moribundo que os perturba.

A busca pelo triunfo sobre o caos por parte dos idosos impele-os à sociabilidade através dos jogos, mediante os encontros para conversas ou pelas festas, às diversas formas de associações. A luta contra o perecimento de um mundo reflete a própria luta contra o perecimento do ser: a sociabilidade festiva, o ludismo e as conversas, como formas de escapar ao tempo letárgico, vibram como aposta e possibilidade de permanecerem no mundo a partir do sentimento comum de lidar contra a morte.

Se a rítmica do tempo da mina não pode ser recuperada senão pelo trabalho da memória – portanto, borrada, mais ou menos vívida, com lapsos –, torna-se necessário aos idosos uma imersão noutra rítmica, qual seja, aquela de uma sociabilidade que os une por um querer viver que, se não restitui o tempo de outrora, pelo menos assegura a duração de um tempo vivido como devir, onde o passado segue junto como possibilidade de existência futura enquanto a vida dure.